



O Léxico na charge¹

Antonio Clériston de ANDRADE²

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, PE

Resumo

A charge é um gênero do jornalismo opinativo rico em estratégias para produzir humor e efeitos de sentido, uma delas é o emprego do léxico, ou seja, quando a palavra é a chave-mestra, ou seja, o elemento constitutivo crucial para a resolução do enunciado. Assim, neste trabalho, sob fundo teórico bakhtiniano, analisamos dez casos onde siglas, interjeições, indicações, neologismos, e outras palavras ou locuções adquirem sentido crítico ao interagir dialogicamente com o todo compositivo.

Palavras-chave: Charge, humor, lingüística, jornalismo, léxico.



Introdução

O objetivo deste trabalho é o de analisar dez casos em que o emprego de um lexema é crucial para a construção do enunciado, a fim de produzir uma expectativa de sentido e humor. Para tal fim, veremos a questão morfológica: a forma em seu sentido amplo, a paronímia, a homonímia, a antonímia, o xenismo ou adaptação; a questão

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Doutorando em Lingüística, mestre em Comunicação Social e professor do Curso de Jornalismo (UFPE), email: cleristonhq@terra.com.br



semântica, partindo-se do lugar-comum, do sentido dicionarizado do verbete; e a questão pragmática, a polissemia, quando o sentido vai resultar, dialogicamente (Bakhtin, 2002), da atividade social, fruto de seu contexto de uso.

A metodologia obedecerá à análise de enunciados, portanto, não faremos qualquer pesquisa de recepção. Transitaremos no campo das possibilidades e probabilidades enunciativas e co-enunciativas, a partir do estudo das relações dos elementos constitutivos (Bakhtin, 2000) das charges selecionadas para este fim, principalmente as que dizem respeito ao emprego relevante de itens lexicais. Quanto à problemática do contexto, como é impossível recuperá-lo em seu todo, até porque este é inapreensível em sua plenitude, nossa estratégia será a de recuperar um mínimo possível, o suficiente, a fim de cumprir o percurso para o sentido do enunciado.

Empregaremos, para designar os termos ou palavras, principalmente “lexema”, mais para evitar a polissemia do vocábulo “palavra”.

Partimos do princípio bakhtiniano de que um enunciado e sua leitura por parte do interlocutor é fruto de uma relação dialógica que envolve os agentes da interação, o contexto, o conhecimento partilhado, a história, o gênero discursivo, o meio e o suporte, dentre outros fatores. Todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua e efetua-se em forma de enunciados. A charge é um tipo relativamente estável de enunciado, através do qual deságuam discursos e posições de sujeito.

Sendo assim, temos a noção de enunciado (BAKHTIN, 2000) como uma unidade comunicativa constituída por vários elementos verbais e não-verbais; dentre os verbais, no caso da charge, destacaremos aqui o emprego do léxico, e em particular, de um lexema. Portanto, não nos debruçaremos sobre questões gramaticais e recursos fraseológicos, a não ser quando se fizer necessário para a análise do elemento lexical. Pretendemos apontar, neste trabalho, como e porque um certo lexema seria um marcador fundamental, uma saliência relevante, comparando-se com os demais elementos do todo composicional que se fundem no enunciado.

Para justificar o propósito deste pequeno estudo defendemos a hipótese de que numa charge geralmente há um elemento-chave que funciona como “gatilho” e que este fator pode ser um item lexical. No dia 11 de agosto de 2007, por exemplo, quatro charges (8,5%) das 47 publicadas no sítio eletrônico chargeonline, tinham as palavras “laranja” (metáfora); “toma” (polissemia); “cansei” (ironia); e “Veja” (remissão a uma logomarca) como elemento constitutivo imprescindível para a elucidação do enunciado.



Como não é objeto deste trabalho, vamos relacionar em seguida duas charges (Figuras 1 e 2) cujo emprego de um determinado lexema não seja decisivo para o sentido dos respectivos enunciados, no intuito de estabelecer o contraditório, a não-ocorrência do tema em perspectiva.

Figura 1, charge de Lézio Jr. (Chargeonline.com.br, de 20/07/2007)



Este é um caso clássico de charge sem elementos verbais em sua superfície discursiva, portanto, obviamente, não há itens lexicais. O “gatilho” para efeito de sentido é o manto negro, o luto, o perigo de morte, numa remissão ao acidente recém-acontecido com uma aeronave, no aeroporto de Congonhas, São Paulo, com cerca de 200 vítimas.

Figura 2, charge de Casso (Chargeonline.com.br, de 19/08/2005)



Neste caso, os termos “Igreja” ou “Universal” são redundantes, pois o tipo de construção já representa um templo (embora as duas torres com os respectivos sinos simbolize, equivocadamente, uma igreja católica) e a marca – coração com a pomba – indica, precisamente, a seita religiosa. Não há, portanto, destaque para um lexema em particular, já que o elemento constitutivo-chave é a “borboleta” ou catraca que refere-se à entrada mediante algum tipo de pagamento.

Quando o lexema é a chave (principal) para obtenção do sentido

Vamos examinar dez casos em que o emprego do léxico destrava a porta do enunciado.

Figura 3, Neologismo satírico (AMARILDO, Chargeonline, 13/07/2007)



A primeira charge que selecionamos, como na maioria delas, tem caricaturas de políticos. No caso 1, temos em seqüência o presidente do Congresso, Renan Calheiros, acusado de ter recebido verbas de um lobista da construtora Mendes Júnior para pagar pensão à ex-mulher, a jornalista Mônica Velozo; em seguida, o Senador Joaquim Roriz, que renunciou ao mandato parlamentar para escapar de um processo por quebra de decoro parlamentar; e por último, o presidente Luís Inácio da Silva, acusado por



opositores de ser lento, incompetente e desinformado em relação ao “caos aéreo” vigente no País.

Uma das características da charge enquanto gênero é o fato de se promover justaposições e/ou relações entre fatos que são notícia na mídia e acontecimentos da vida cotidiana ou do calendário de eventos importantes de uma nação ou região. Neste “caso 1”, a cidade do Rio de Janeiro, Brasil, era sede do PAN-Jogos Panamericanos, enquanto os três caricaturados estavam envolvidos com os problemas citados. Assim, como no Panamericano há modalidades esportivas sendo disputadas por atletas das três Américas, o enunciador Amarildo, recorrendo a recursos lexicais, criou “novas modalidades”, tendo como protagonistas os referidos políticos.

Então, a partir da modalidade “badminton”, uma espécie de “tênis de peteca”, o chargista cunhou o substantivo composto “bad-minto”, destacando assim cada lexema que o compõe, formado por um adjetivo da língua inglesa “bad”, que pode ser traduzido por “mau” – em nossa língua, aquele que causa prejuízo, que é inábil –; e pelo verbo “minto”, obtido com a elisão do “n” final (de minton), conjugação da primeira pessoa do sujeito do indicativo, (eu minto), fazendo com que o termo passe a sugerir que os argumentos e documentos apresentados pelo Senador Renan, presidente do Congresso, são mentiras deflagradas por um “homem-mau”.

A modalidade “cinismo” cujo lexema remete a esportes como “ciclismo”, é homônima ao substantivo masculino que indica, segundo o Aurélio³: impudência, descaramento; a “modalidade”, colocada acima da caricatura do político tem, através de um complexo processo de associação, o intuito de demonstrar reprovação à atitude do ex-senador Joaquim Roriz⁴, flagrado através de gravação de telefonemas, combinando a receptação de valores não explicados ao fisco, que culminou com sua renúncia ao cargo, a fim de escapar da punição de perda dos direitos políticos, o que o deixaria inelegível por oito anos.

A terceira “modalidade” teria o “atleta” Lula (o presidente do Brasil), reconhecível pela caricatura, que praticaria a “nada-ação”, categoria esta, obviamente, alusiva, à natação. Nesta charge temos mais um neologismo composto, formado pelos vocábulos “nada”, o primeiro, que, a nosso ver, não remeteria ao pronome indefinido indicador de “nenhuma coisa”, segundo o Aurélio, nem ao substantivo masculino [(o)

³ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

⁴ Renunciou ao mandato de Senador pelo Distrito Federal em 04 de julho de 2007, a fim de evitar um processo por quebra de decoro parlamentar no Conselho de Ética do Senado.



nada], indicador da “não existência”, mas, sim ao advérbio que indica “de modo nenhum”, pois, ao completar com o lexema “ação” o substantivo composto “nadação”, teríamos, assim, “ação de nenhum modo”, expondo assim, a opinião do formulador da proposição, de que o presidente Lula não age a contento ou quando deveria, postura essa paradoxal com o cargo que ocupa, que requer decisões imediatas e acertadas.

Pela quantidade de informação aqui referenciadas, é óbvio que os lexemas presentes na charge dependem e muito da complexidade de um contexto amplo, envolvendo em um só enunciado três homens públicos – um do poder executivo e dois do legislativo – e a problemática que os envolve, segundo o noticiário da mídia e o olhar do chargista. Contudo, um olhar dialógico do interlocutor (o leitor), torna possível que em segundos, toda uma rede de relações da política, dos citados políticos, dos comportamentos atribuídos a eles, além do acontecimento esportivo “jogos pan-americanos” e o jogo semântico criado pelo artista, cujo resultado é o efeito de humor, com destaque para a parte lexical que constitui o enunciado.

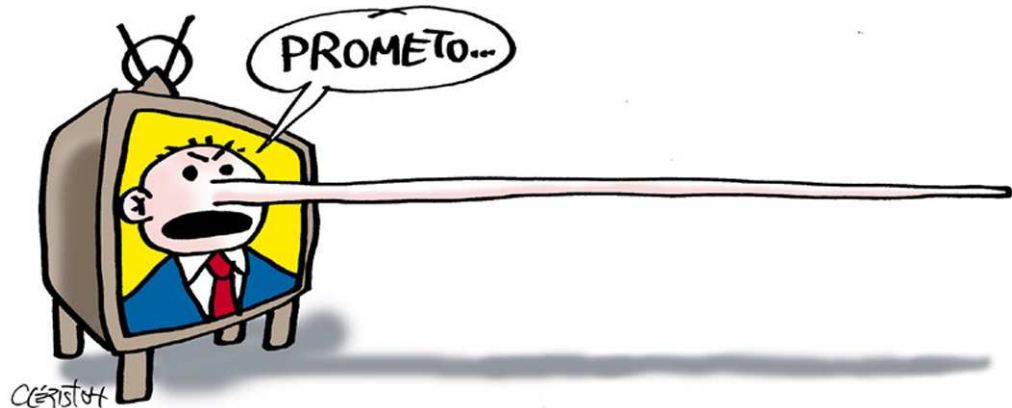
Figura 4, Elisão antonímica (CARUSO, Paulo. Chargeonline, 14/12/2006)



Colisão, choque, albarroamento, ou seja, problemas à vista para o presidente Luís Inácio (Lula) da Silva em sua relação com o Congresso Nacional, é o que aponta a charge de Paulo Caruso, com o lexema graficamente hiperbolizado a fim de obter impacto visual e dramaticidade. Esta é complementada pelo olhar desolado do presidente que vê a letra “A”, constituinte do lexema original “coalizão” que indicava

justamente o contrário, segundo o Aurélio, “acordo de partidos políticos para um fim comum”, despregar-se, indo ao solo, juntamente com suas esperanças de um governo tranqüilo.

Figura 5, justaposição antonímica (CLÉRISTON, chargeonline, 10/10/2001)



Aqui temos um caso (3) de justaposição onde lexema e imagem contribuem equitativa e simultaneamente para o sentido. A imagem icônica sem a fala é apenas um “boneco (caracterizado como masculino) de nariz comprido”, porém, pela figura da alusão (Câmara Júnior, 1986), o autor dialoga com a Fábula de Pinóquio. Ainda assim, tal imagem publicada em um jornal carece de propósito. No entanto dois fatores, um marcado e outro ausente, pesam para a elucidação do enunciado: o lexema “prometo”, que remete principalmente à figura do político, embora qualquer pessoa possa prometer algo a outrem. O fator “ausente” é “propaganda eleitoral gratuita”, veiculada na tv na época da publicação da charge. Assim o observador, agora interativamente na posição de co-enunciador, é capaz de formular uma leitura crítica, uma significação satírica do enunciado, como:

- a) Mais um mentiroso em campanha;
- b) Os políticos mentem;
- c) Os candidatos prometem e não cumprem

Concluindo, o lexema “prometo” confere sentido e humor ao enunciado, já que este seria uma característica marcante de políticos em campanha eleitoral, aliada ao histórico de decepções sofrido pelo eleitor (fato público e notório), que vê em “prometo” o quanto já foi enganado, podendo, então, solidarizar-se com o autor da charge e/ou fazer sua catarse.



Figura 6, metáfora revertida em literalidade (CLÉRISTON, chargeonline, 10/10/2001)



Neste quarto caso, a cena faz remissão às montanhas do Afeganistão, quando tropas norte-americanas invadiram aquele país em busca de Osama Bin Laden, acusado pelos EUA de ser o responsável pelo atentado de 11 de setembro de 2001, quando dois aviões foram desviados e destruíram as torres gêmeas em Nova Iorque. Na época foram feitas muitas charges alusivas ao evento, com a mídia saturando o mundo ocidental com informações as mais variadas sobre terroristas da Al-Qaeda, sobre a cultura mulçumana, enfim informações de qualidade duvidosa sobre os povos que habitam aquela região. Muitas charges satirizaram o mundo árabe e seus costumes, demonstrando às vezes uma visão preconceituosa, distorcida ou, no mínimo, banalizada quanto aos temas tratados.

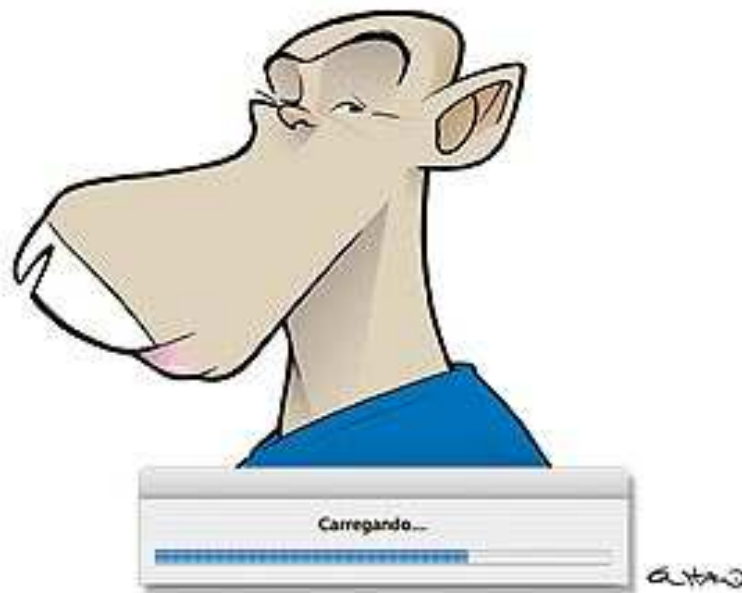
Nesse contexto é produzida esta charge, uma variação entre tantas que satirizam o costume de pessoas que se tornam “homens-bomba”, como recurso militar, estratégico ou de protesto. De pronto, ela dialoga com a prática dos concursos vestibulares, pois uma faixa anuncia do alto de sua superfície discursiva “Vestibular para terrorista do Taleban⁵”. Logo abaixo, temos dois supostos afegãos, que acabam de encontrar-se. O primeiro pergunta: — E aí? O segundo, que está de muletas e tem apenas uma perna, responde: — Levei bomba!. Poderia destacar apenas o lexema “bomba”, porém entendemos ser mais adequado tratar o dito enquanto locução verbal, i.e., a justaposição

⁵ movimento [islamita nacionalista](#), que efetivamente governou o Afeganistão entre [1996](#) e [2001](#); O taliban (talibã, taleban...) pertence ao chamado *movimento Deobandi*, um movimento islâmico [sunita](#) que enfatiza a piedade e a austeridade entre os homens, e as obrigações familiares dos homens. Este movimento emergiu em áreas de etnia pashtu. (pt.wikipedia.org)

de dois lexemas que formam um novo sentido e que, individualmente, dizem outra coisa. Então, “Levei bomba” não significa que alguém levou uma bomba consigo para casa e sim que foi “reprovado” no vestibular, em linguagem figurada, metafórica. A charge pode ser tipificada como de “humor-negro”, visto que “faz piada com uma tragédia”, no caso, alguém que “perdeu” uma das pernas. A charge sugere que o desafortunado não passou no vestibular para ser “terrorista”, pois, no teste de qualificação teria “perdido um dos membros”, o que é paradoxal pois, afinal os homens-bomba, de fato, lidam com o sacrifício da própria vida.

A depender do olhar do interlocutor, a solução fundamental e derradeira do sentido e do humor desta charge, pode culminar tanto na leitura do “Levei bomba”, que defendemos aqui como a primazia do léxico, como na visualização da perna que falta. De qualquer modo, este olhar é quase simultâneo, porém, o percurso do sentido vai do metafórico “leve bomba” (fui reprovado no vestibular) ao literal “leve bomba” (uma bomba me atingiu; explodiu minha perna).

Figura 7, redundância eloqüente (GUSTAVO chargeonline, 25/05/2006)



Esta interessante caricatura de Ronaldo, artilheiro da Copa do Mundo de 2002, quando o Brasil sagrou-se pentacampeão, trás uma visão que parte da mídia atribui ao “fenômeno” em 2006: “um atleta acima do peso, portanto mais lento, e com a cabeça dividida entre o futebol e as modelos que tem namorado”. Assim o cartunista desenha um Ronaldo um tanto *blasé*, “olhando” de soslaio os que o criticam, enquanto abaixo de

sua figura temos uma faixa típica da informação computacional, indicativa de “informação sendo baixada” (*download*). Isso dá a idéia de que a faixa vai carregando len-ta-men-te ao lermos a legenda abaixo: “carregando”. Talvez, para um bom entendedor ou indivíduo experto em “informatiquês”, a imagem já seria suficiente. Mas, mesmo com alguma redundância – nem todos são tão íntimos do computador, ainda -, a palavra “carregando” trás consigo uma força dramática, pois passa a idéia de processo interminável devido ao emprego do gerúndio. “Carregando”, i.e., em processo, “não está pronto ainda”, “aguarde mais um pouco”, reforçando a idéia de um Ronaldo sonolento, que ainda não estaria no ponto para enfrentar uma copa do mundo. Os fatos confirmaram o lexema e a charge.

Figura 8, justaposição paradoxal (BRAGA, Jorge. chargeonline, 22/04/2007)



A charge do sexto caso selecionado mostra um juiz mirando a si mesmo num espelho. Quem não se olha num espelho? Seria uma cena banal, cotidiana, se o magistrado não proferisse o lexema “condenado”. O humor está no paradoxo, na incongruência daquele que teria a função de dar a sentença aos que comprovadamente cometeram atos ilícitos, com pena prevista no Código Penal, proferindo a sentença contra si mesmo.

“Condenado” seria uma alusão a uma operação da Polícia Federal que, através de escutas telefônicas, acusou juizes de receberem vantagens da chamada “máfia dos caça-níqueis” para liberar bingos e não apreender máquinas eletrônicas, é o lexema que dialoga com o horizonte social imediato, com informações partilhadas entre os consumidores da informação jornalística.

Figura 9, justaposição xênica (Angeli, chargeonline, 10/10/2005)



Angeli, nesta charge, mostra um presidente Lula estático, à mercê, na época, segundo parte da imprensa, dos escândalos financeiros envolvendo auxiliares diretos e membros do Partido dos Trabalhadores, do qual é filiado e fundador. As críticas se reportavam ao comportamento do presidente do País que, em lugar de tomar alguma atitude digna do cargo que ocupa, sempre se dizia “surpreso” ou “desinformado”, alheio ao que acontecia “na sala ao lado”.

Assim o chargista recorreu a dois lexemas do idioma inglês que fundem-se num sistema mecânico de ligar e desligar algo: “on”, “off” (xenismo), que talvez pela pouca quantidade de letras ou sinais gráficos seja adotado no Brasil, pois ocupa pouco espaço físico. O que seria uma simples caricatura do Presidente de costas passa a ser um enunciado mordaz e criativo, fazendo uma alusão aos bonecos e robôs que funcionam à pilha e que, para entrarem em movimento, têm-se que se apertar o “on”. Na charge, o interruptor encontra-se na posição “off”: desligado, sem funcionar. Assim, os lexemas xenistas apresentam-se ruciais para a elucidação do enunciado, pois, a figura do presidente sem os dizeres indicativos já referidos, careceriam de sentido ou ficaria abstrato, hermético em demasia.

Figura 10, hibridização mórfica (BESSINHA, chargeonline, 16/08/2005)



Hibridização ou dupla leitura é o que temos neste caso (oitavo): O(s) lexema(s) em destaque no enunciado são dois vocábulos antroponímicos destacáveis pela adição ou supressão de uma das duas cores. Ao adicionarmos o verde ao vermelho, transformamos “Lula” em “Duda”. Colocamos esta ação – transformação pela adição – na terceira pessoa do plural, pois, “nós leitores”, fazemos o mesmo percurso sugerido pelo chargista. Diríamos que, numa primeira visada, percebemos o contorno da primeira letra “L” em vermelho, cor mais intensa e vibrante que o verde, prosseguindo com a leitura integral do lexema “Lula”; mas logo em seguida, considera-se o ato do garoto que, com um “spray” de tinta verde, complementa a grafia original em vermelho para uma nova, resultante bicolor, ao transformar as duas letras “le” em duas letras “dê”, obtendo “Duda”.

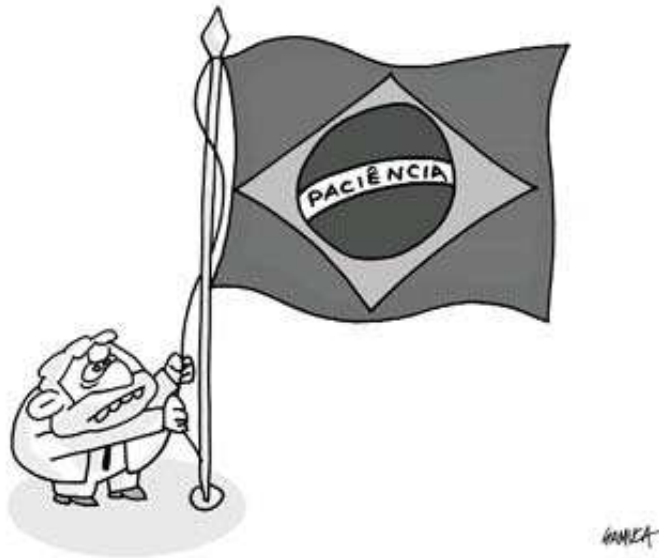
O que seria um jogo de cores e palavras tenta sugerir algo mais complexo e que denota uma certa posição de autor que, no caso, formula um enunciado cujo resultado sintoniza-se com uma certa formação discursiva⁶. Sendo assim, “Lula” refere-se a uma pichação de propaganda eleitoral do então candidato à reeleição a presidente da

⁶ Sistema de regras, procedimentos e posicionamentos de ordem ideológica, sócio-historicamente engendrados e manifestados diante de situações pragmáticas, proporcionando uma identidade enunciativa reconhecível através de marcadores verbais e não-verbais repetíveis, relativamente homogêneos e estáveis, em relação de conformidade, antagonismo ou domínio a outras formações. (Andrade, A. Clériston, após Foucault, Pêcheux, Maingueneau/Charaudeau e Bakhtin).

República, Luís Inácio da Silva; e “Duda”, refere-se ao publicitário Duda Mendonça, marketeiro⁷ da campanha de Lula, acusado pelos antagonistas de “fabricar” um ethos, uma persona que de fato não existe, a fim de ludibriar os eleitores⁸.

Os lexemas superpostos no enunciado oferecem aos co-enunciadores uma possibilidade de leitura de que “Lula” seria uma “criação” de “Duda”.

Figura 11, substituição radical (SAMUCA, chargeonline, 29/082005)



A charge deste nono caso, de Samuca, publicada durante a campanha de Lula, pela sua recondução à presidência do Brasil, numa leitura desatenta, não traria maiores desdobramentos, exceto o aparente mau-humor⁹ do presidente-candidato, ao hastear a bandeira de seu País. Porém no centro da bandeira, onde deveria haver a inscrição “ordem e progresso”, um surpreendente lexema a substitui: “paciência”, tornando-se a nova “palavra de ordem” da bandeira que, assim, pode nos levar a dois entendimentos:

a) O candidato-presidente tem sido paciente com as “trapalhadas” cometidas por membros de seu partido, alguns em flagratos vexatórios dados pela Polícia Federal e amplamente divulgados na mídia;

⁷ Nomeação pejorativa aos profissionais que estabelecem as políticas de marketing e comunicação para um partido ou candidato; que tenta imprimir certo valor ou conceito à imagem de outrem.

⁸ Ver revista Veja e o Guia Eleitoral da época

⁹ dedutível pelo “olhar grave” e pelos dentes à mostra, acompanhando a linha de sua boca, levemente inclinada para baixo nas extremidades.

b) O eleitor tem tido bastante paciência com o governo Lula e apesar da problemática de natureza ética de seu partido ainda o confere bons índices de aprovação.

Em qualquer das possibilidades interpretativas colocadas ou outra que venha à baila, não temos dúvidas quanto à chave do enunciado, ela está mesmo na palavra “paciência”.

Figura 12, homofonia onomatopaica (NANI, chargeonline, 10/08/2006)



Este último caso, em relação à relevância do léxico no enunciado, parece dispensar comentários ou maiores análises, pois toda a charge, exceto pelo grafismo do “splash”¹⁰, é uma espécie de homofonia onomatopaica, equiparando a similitude fonética sugerida entre “São Paulo” e “São pow lo”.

Naturalmente, o enunciado se refere à cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo, Brasil, e se reporta aos ataques realizados por organizações criminosas, quando jogaram bombas de fabricação caseira, incendiaram ônibus, atacaram policiais de modo simultâneo e organizado, como pudemos observar em outras charges da mesma data em nossos arquivos.

Temos, então, um topônimo, no caso uma locução substantiva que designa o nome da capital de São Paulo. Ora, escrever “São Paulo” numa charge não significa nada além dela mesma. Porém, dialogizando com a linguagem dos quadrinhos, o autor substituiu o segmento fonêmico “pau”, de “São Paulo”, por “pow”, onomatopéia anglicista, bastante encontrada nos “comics” (HQ), para indicar “porrada”, pancada, estrondo, explosão. Assim, trocou-se duas letras, “a” e “u”, de “pau”, que também pode ter o sentido de “pancada”, “dar um pau em”, por “o” e “w”, mantendo certa

¹⁰ Termo empregado na publicidade para destacar através da figura irregular que “lembra uma explosão, certos dizeres; nos quadrinhos pode indicar também uma explosão, um soco, um estouro e similares.



semelhança fônica, porém reforçando o sentido de violência aplicada, auxiliado pelo grafismo, o “splash” de contorno preto e preenchimento amarelo, lembrando “fogo”.

CONCLUSÃO

Os itens lexicais podem ser tão ou mais importantes que o desenho e a caricatura numa charge, a depender do modo como se relaciona ou se justapõe com os demais elementos constitutivos de uma charge, através da intertextualidade, da remissão a fatores culturais, históricos, políticos e econômicos. Enfim, estes itens são oferecidos ao co-enunciador como “gatilhos”, através dos quais, ele estabelece relações dialógicas com os já-ditos, com o horizonte social imediato – o presente –, e o devir, a fim de produzir sentido e humor, este último, obtido através de justaposições e associações incongruentes, desconcertantes, com resultados inesperados.

Encerramos esse estudo com uma citação de Biderman (2001, p.179):

“É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a semântica da sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência lingüística como os escritores e poetas. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.”

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

_____. *Questões de literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002-C).

BIDERMAN, Maria T. C. *Teoria Lingüística*. São Paulo : Martins Fontes, 2001

CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis : Vozes, 1986

www.chargeonline.com.br , vários acessos nas datas indicadas.

PAPEL DA MEMÓRIA / Pierre Achard ... [et al] : tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP : Pontes, 1999